**Maria Luiza Iennaco de Vasconcelos**

**Empatia, Altruísmo e Comportamento Pró-social de Emma Otta e Vera Silvia Raad Bussab**

O objetivo do capítulo é apresentar algumas aplicações do modelo teórico de percepção-ação nos estudos do comportamento pró-social. As autoras inicialmente trazem uma escala de comportamento pró-social e fazem uma revisão acerca do significado dos termos empatia e altruísmo. Tal escala foi cunhada pelo filósofo Maimônides e mostra os diferentes níveis de ações pró-sociais, a qual elas utilizam como inspiração para seus estudos. A empatia foi separada entre empatia cognitiva (Teoria da Mente) e empatia afetiva, mas as autoras reconhecem que há complexidade em definir tal termo. O altruísmo, como elas colocam, possui um custo benefício para o sujeito praticante apenas quando moderado.

Por isso, as autoras apontam o paradoxo darwiniano acerca desses comportamentos pró-sociais e citam algumas soluções propostas. A solução é apresentada como forma de integração entre os aspectos afetivos e cognitivos da empatia e entre as causas evolutivas e psicológicas. Esse seria o modelo percepção-ação que defende que os estados emocionais dos outros são compreendidos por meio de representações corporificadas. Alguns estudos empíricos são apontados para defender esse modelo que advoga pela dissolução da fronteira entre o self e o outro.

Os comportamentos pró-sociais não são exclusivos dos seres humanos e as autoras trazem uma série de referências de estudos empíricos em primatas e outros animais para corroborar sua tese. A ideia é que a evolução natural da empatia não é exclusiva da nossa espécie, mas se desenvolveu extraordinariamente por conta de nosso comportamento. Uma evidência adicional, segundo as autoras, seria a existência de neurônios espelho para os estudos neurofisiológicos da empatia e do altruísmo. Além disso, elas apontam a importância de um ambiente saudável para o desenvolvimento desses comportamentos sociais em crianças, bem como a falta de tal ambiente ser um fator que contribui para distúrbios como ansiedade e depressão infantil.

A conclusão é que, para elas, as pesquisas e os estudos teóricos apontam para uma dissolução das delimitações acerca dos fenômenos e comportamentos sociais e que, por sermos criaturas sociais, temos mais a ganhar se abraçarmos a complexidade e promover estudos dentro de tal paradigma, deixando antigas dicotomias e tradições para trás.

**Intentional Attunement. The Mirror Neuron system and its role in interpersonal Relations de Vittorio Gallese**

O meu único problema com os neurônios espelho é que não há comprovação neurofisiológico nem modelo computacional de que eles existem - como os defensores colocam – em humanos. E, em vez de ir no “como se fosse”, me parece que o Gallese faz afirmações fortes sobre “ser assim”. Além disso, ele defende os neurônios espelho na harmonização das intenções humanas, colocando essas supostas redes neuronais como base de muitos processos complexos e talvez isso seja muito especulativo. Digo isso porque eu sou simpatizante dos mecanismos descritos no texto, mas devo citar a Pat Churchland dizendo que é muito legal a teoria do espelho, mas um neurônio ou um conjunto de neurônios - que nem sabemos se existe ou como funcionam - não faz a máquina humana funcionar. Existem também algumas ideias que o neurônio espelho na verdade estaria relacionado com os mecanismos de aprendizado por associação e não teria muitas relações com o processo evolutivo, mas não sei comentar muito sobre. A minha ideia é que se for para utilizar a teoria dos espelhos, que ela seja um “como se fosse”.

Talvez seria o caso de achar uma forma de integrar a teoria do espelho em outros mecanismos de modo a alcançar a cognição complexa tal como o autor sugere. Sim, ele coloca que intenção seria no sentido incorporado da coisa, sem representação etc, mas eu penso que isso que ele quer chamar de harmonia de intenções já existe com outros nomes em ciências mais concretas. Falar especialmente de intenção, sem querer debater com processos complexos talvez seja um caminho deveras árduo a se fazer, visto que (1) é possível dar outro nome e (2) seria muito difícil e ambíguo tratar o mesmo termo para ideias completamente distintas. Eu acho que daria para implementar essa teoria dos espelhos na versão anti-representacionalista do Processamento Preditivo, por exemplo (inclusive ele cita a percepção e ação preditivas em seus textos antigos, mas não chega a falar de PP). Feito isso, haveria mais ferramentas para tentar explicar (pelo menos computacionalmente) como as redes de neurônios espelho agiriam nas intenções, predições e simulações humanas.